

Falo, feijão e fuzil: uma leitura decolonial das questões de gênero, de raça e de classe nas narrativas do *barebacking sex*

Phallus, beans and rifle: a decolonial reading of gender, race and class issues in barebacking sex narratives

Falo, frijoles y rifle: una lectura decolonial de cuestiones de género, raza y clase en narrativas del barebacking sex

Antonio Carlos Fausto da Silva Júnior^{1,a}

antoniofaustojr@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-8836-9309>

Carlos Alberto de Carvalho^{1,b}

carloscarvalho209@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-8433-8794>

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, MG, Brasil.

^a Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Pará.

^b Doutorado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais.

RESUMO

Barebacking sex é o engajamento intencional de homens que fazem sexo com homens na relação anal sem camisinha. Para além de abordagens moralistas, relacionadas à possibilidade de infecção pelo HIV, analisamos como narrativas *barebacking* classificam os corpos em desejáveis e indesejáveis, a partir da maneira como são apresentados em cartazes de divulgação de orgias brasileiras disponíveis para visualização na internet. Neste artigo, almejamos uma discussão interseccional sobre desejo sexual, gênero, raça e classe, partindo das imagens em circulação nos contextos brasileiros do *bareback*.

Palavras-chave: *Barebacking sex*; HIV; Recolonialidade; Racismo; Masculinidade.

ABSTRACT

Barebacking sex is the intentional engagement of men who have sex with other men in anal intercourse without a condom. Beyond moralistic approaches, related to the possibility of HIV infection, we analyse how barebacking narratives classify bodies into the desirable and the undesirable, through the way they are shown in posters publicizing Brazilian orgies available for viewing on the internet. In this article, we aim to develop an intersectional discussion about sexual desire, gender, race and class, starting from the images circulating in Brazilian bareback contexts.

Keywords: Barebacking sex; HIV; Decoloniality; Racism; Masculinity.

RESUMEN

Barebacking sex es el compromiso intencional de hombres que tienen sexo con hombres en el coito anal sin condón. Además de los enfoques moralistas relacionados con la posibilidad de infección por el VIH, analizamos cómo las narrativas *barebacking* clasifican los cuerpos en deseables e indeseables, en función de la forma en que se presentan en carteles para la difusión de orgías brasileñas disponibles para su visualización en Internet. En este artículo, apuntamos a una discusión interseccional del deseo sexual, género, raza y clase, a partir de las imágenes en circulación en contextos de *bareback* brasileños.

Palabras clave: *Barebacking sex*; HIV; Decolonialidad; Racismo; Masculinidad.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho do estudo: Antonio Carlos Fausto da Silva Júnior, Carlos Alberto de Carvalho.
Aquisição, análise ou interpretação dos dados: Antonio Carlos Fausto da Silva Júnior.
Redação do manuscrito: Antonio Carlos Fausto da Silva Júnior, Carlos Alberto de Carvalho.
Revisão crítica do conteúdo intelectual: Carlos Alberto de Carvalho.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: Este artigo resulta de pesquisas que em momentos distintos contaram com o suporte financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

Considerações éticas: as imagens utilizadas neste artigo foram coletadas na internet; para publicação, todos os elementos que pudessem levar à identificação de pessoas envolvidas foram desfocados.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 02 dez. 2021 | aceito: 21 fev. 2022 | publicado: 30 jun. 2022.

Apresentação anterior: não há.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores

DESEJO, DA MORAL AO RITUAL

“Definido como uma prática de tendências autodestrutivas semelhantes às que são diagnosticadas em suicidas, dependentes de heroína e necrófilos, o *barebacking* está se tornando perigosamente popular” (COUTINHO, 2002, p. 76). Dessa maneira, a revista *Veja* noticiava o *barebacking sex* no começo de setembro de 2002, com abordagem tão moralista quanto homofóbica. Explicitamente, o texto lança mão de novos artifícios narrativos no processo de atualização da homossexualidade como patologia.

Veja termina a reportagem com o seguinte diagnóstico: “Isso pode ser considerado um comportamento doentio tanto quanto o da pessoa que só obtém prazer mantendo relações sexuais quase em público, sob o risco de ser descoberta” (COUTINHO, 2002, p. 77). Uma semana depois, a revista *IstoÉ* também pautava o *barebacking sex*, anunciado da seguinte forma no índice da edição de 11 de setembro de 2002: “Chega ao Brasil o *bareback*¹, o prazer homossexual suicida”. Suicida, segundo *IstoÉ*, porque o *barebacking* consistiria na “prática do sexo sem camisinha para contrair o HIV” – um “pacto mortal” (CÔRTEZ, 2002, p. 60).

No mesmo período, o *bareback* surge como fenômeno de interesse das ciências humanas no Brasil, definido, em geral, como o engajamento esclarecido e premeditado na prática do sexo anal sem camisinha por parte de homens que fazem sexo com homens (SANTOS, 2004; SILVA, 2008; PAULA, 2009). Obviamente, a relação anal sem camisinha entre homens já era uma realidade antes do advento da nomenclatura. A novidade do *bareback* residiria, então, na *intencionalidade* da prática:

O que há de novo sob o sol é, exatamente, o caráter intencional (voluntário e consciente) de participar de uma prática que envolve risco e prazer sexual [...] justificada como um direito à liberdade de escolha individual, um direito ao prazer, e a assunção de que as pessoas estão suficientemente informadas quanto ao risco que estão correndo, não sendo necessário informá-las (ou preservá-las) quanto à condição sorológica frente ao HIV. (SANTOS, 2004, p. 70).

A tendência das pesquisas no âmbito das humanidades tem sido de abordar a prática vinculando-a a discussões sobre risco, no sentido epidemiológico da palavra e no contexto da epidemia de HIV e aids, mesmo que Silva (2008, p. 16) reconheça a possibilidade de existirem “ganhos efetivos (e afetivos), sob a forma de emoções intensas, como resultado de práticas sexuais desprotegidas, que superam ou são mais fortes que a ideia ou possibilidade de infecção pelo HIV”.

Tanto Santos (2004) quanto Silva (2008) como também Paula (2009) recorrem à palavra ‘desprotegido(a)’ na referência à relação anal sem camisinha, apesar de todos esses autores discutirem a adoção de estratégias de redução de danos por parte dos homens adeptos do *bareback*, a exemplo da opção pela posição de ativo no sexo. Santos (2004), inclusive, fala em “fadiga da camisinha” (p. 77).

Avanços farmacológicos no campo da Terapia Antirretroviral (TARV) adotada no tratamento do HIV têm viabilizado a expansão da ideia de sexo seguro/sexo protegido, para além da camisinha, nos últimos cinco anos. Se ingeridos conforme prescrições médicas, os antirretrovirais que têm sido empregados contra o vírus são capazes de suprimir a carga viral no organismo humano a níveis indetectáveis. Depois de seis meses nessa condição, a pessoa é considerada incapaz de transmitir o HIV. Daí o surgimento recente da fórmula I=I (indetectável = intransmissível) (UNAIDS, 2018).

Logo, nem sempre é inseguro transar com uma pessoa vivendo com HIV. A adoção no Brasil da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP), em 2017, contribuiu para a expansão da ideia de sexo seguro vigente no país, pois

1 Até começar a trabalhar na pesquisa sobre o *barebacking sex* no âmbito do doutorado, em 2019, meu repertório sobre o tema contemplava apenas a grafia *bareback* e derivações (*bare* e *bb*, por exemplo), verificada em aplicativos homoeróticos, no anúncio de festas temáticas disponíveis na internet e/ou em grupos de Whatsapp. A grafia *barebacking* só apareceu ao mergulhar na literatura científica, levando-nos a considerar que o gerúndio é mais recorrente em textos jornalísticos e acadêmicos. Neste texto, optamos por utilizar ambas as grafias, *bareback* e *barebacking*, e respectivas variações.

a PrEP impede a infecção de pessoas soronegativas pelo vírus, em situações de contato com o HIV, caso façam o tratamento preventivo adequadamente.

Assim, a PrEP se soma às diversas estratégias de redução de danos adotadas pelos adeptos do *bareback* (mas não só por eles) como mecanismos alternativos de prevenção e descritas em Santos (2004) e em Silva (2008). Este autor, inclusive, reconhece a questão do risco epidemiológico como ‘secundária’ no *barebacking sex*:

[...] muitos dos meus interlocutores e usuários da internet falam do risco como algo secundário para justificar o sexo sem borracha [...] De modo geral, o que ligará todos os discursos (sexo sem camisinha e *barebacking*) é a busca por experiências mais livres, sensações e prazeres mais intensos. Portanto, o que estará em jogo no sexo desprotegido é a possibilidade de maximização do prazer no contato mais íntimo com o outro. (SILVA, 2008, p. 83-84)

Do vínculo proporcionado por esse contato mais íntimo do sexo anal sem camisinha não seria esperada a replicação do HIV, mas, sim, a produção/reafirmação de uma masculinidade exagerada (BARRETO, 2016) por meio da troca/circulação do sêmen (*leite e/ou porra* no jargão do *bareback*). O intercâmbio da ‘porra’ simbolizaria, assim, um ritual de (re)afirmação do ‘ser macho’, algo que Silva (2008) também constatou. A transgressão, aí, não estaria relacionada à exposição ao risco, mas, sim, a essa intimidade entre dois ou mais homens – ‘machos’ – proporcionada pela ausência da camisinha e circulação do sêmen.

Logo, são bastante ilustrativas as expressões acionadas no *barebacking sex* para fazer menção à prática e aos adeptos: ‘sem borracha’, ‘sem capa’, ‘porra dentro’, ‘fornecedor de porra’ (o ativo), ‘depósito de porra’ (o passivo), ‘macho leiteiro’, ‘macho reprodutor’, ‘*breeding sex*’ (algo como “engravidar de porra”, quando devidamente contextualizado) e ‘cumunion’ (junção de *cum*, sêmen, com *union*, união, em alusão à *communion*, comunhão), dentre outras.

A ‘porra’, aí, não é instrumentalizável, nem se resume a um mero vetor; transforma o *bareback* em um ritual a exigir, dos participantes, uma determinada performance (SCHECHNER, 2012)², inclusive de gênero. Mas não cabe discutir gênero e ignorar as questões de raça e nem mesmo as de classe.

Esse debate interseccional constitui o objetivo deste texto, a partir das práticas simbólicas identificadas no *barebacking sex*. Enquanto Silva (2008, p. 84) se pergunta “quem é o *barebacker*”, a questão, aqui, alarga-se um pouco mais: *quem é o barebacker e como ele narra ao outro?* Propomos, ao alargar a pergunta, fugir das armadilhas moralistas explícita ou implicitamente relacionadas aos riscos de exposição ao HIV e às demais Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) nas práticas do *bareback*, ao mesmo tempo em que trazemos à baila as dimensões éticas perceptíveis nas narrativas materializadas nas imagens ora escrutinadas.

Não ignoramos, por outro lado, que, além do HIV, há diversas ISTs que requerem cuidados e proteção em qualquer atividade sexual – com ou sem penetração do pênis ou de artefato erótico, entre pessoas de mesmo gênero ou de gêneros diferentes.

BREVE NOTA METODOLÓGICA

As narrativas verbovisuais exploradas analiticamente neste artigo foram coletadas como parte de pesquisa de doutorado em curso, constituindo um recorte interessado sobre as dimensões de gênero, raça, classe social e corpo, em perspectiva decolonial. Decolonialidade ora considerada como os movimentos

2 Segundo Schechner (2012, p. 85), a “necessidade de construir uma comunidade é incentivada pelo ritual”, que tem uma função comunicacional. Expelida para ser comungada, a ‘porra’ adquire, então, esse status de símbolo ritualístico no *bareback*, descrito por Santos (2004) como uma comunidade imaginada, a partir dos estudos de Benedict Anderson, na qual os adeptos compartilham toda uma simbologia de reconhecimento e familiarização uns com os outros.

epistemológicos, políticos, culturais e ideológicos de compreensão dos processos de reexistência de populações afrodiáspóricas e, também, indígenas (HALL, 2013; HOOKS, 2019; BERNADINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFUGUEL, 2018; RIVERA CUSICANQUI, 2010).

O *corpus* foi constituído ao longo dos anos de 2020 e do primeiro semestre de 2021, com a captura de anúncios públicos das festas de orgia Cabbaré e Surubada dos Leiteiros, disponibilizados na internet para acesso público. Ambos os eventos autorizam a prática do *barebacking sex*.

Ao todo, são 172 cartazes e outras 123 postagens, algumas com interações de pessoas comentando diretamente as festas ou algo relacionado ao universo do *bareback*. São, até o momento, 74 cartazes de divulgação das orgias Cabbaré, realizadas entre janeiro de 2019 e julho de 2021, e 98 cartazes das orgias Surubada dos Leiteiros, realizadas entre janeiro de 2020 e janeiro de 2021, no Rio de Janeiro (RJ) e em São Paulo (SP). Fora essas peças, também selecionamos mais 13 postagens da Cabbaré e outras 110 postagens da Surubada dos Leiteiros no Twitter para ilustrar como raça, gênero e classe atravessam as dinâmicas de desejo no *barebacking sex*. Aqui exploramos especificamente a verbovisualidade narrativa dos cartazes.

É importante registrar que a coleta coincide, em parte, com o período da pandemia de covid-19, resultando em menor quantidade de festas promovidas em função das restrições sanitárias necessárias ao controle do coronavírus. No entanto, acreditamos que tal dado não altera as dimensões narrativas que nos propomos investigar nos cartazes, explorando as múltiplas leituras possíveis de significados, a partir de clivagens interseccionais de gênero, raça, classe social e corpo.

Metodologicamente, a inspiração teórica das colonialidades implica, como pano de fundo, reconhecer, a partir de estudos de María Lugones (2014), que o projeto de modernidade eurocentrado se sustenta em, e promove, hierarquias de gênero, classe e raça. Ou, nos termos de Rita Laura Segato, que a “fase apocalíptica” (2018, p. 53) do capital está assentada nas lógicas do “mandato de masculinidade” (2016, p. 167), cuja violência tem constituído guerras contínuas contra corpos de mulheres, assim como contra corpos identificados como feminizados, mas também cobrando seu preço aos homens, sob a forma da constante pressão para que exerçam performaticamente os supostos papéis compatíveis com a virilidade exigida.

Em que pesem os matizes conceituais que distinguem as teorizações das autoras, em ambas encontramos elementos que nos guiam, ainda quando não referenciadas diretamente, na compreensão das lógicas racistas, de classe e de gênero que estão latentes ou visíveis nos cartazes que anunciam as festas Cabbaré e Surubada dos Leiteiros.

QUEM É NARRADO COMO OUTRO NO BAREBACK?

Distintos recortes de gênero, de raça e de classe parecem convergir na caracterização de quem pode assumir as posições de ‘fornecedor de porra’ e de ‘depósito de porra’ no *barebacking sex*. Silva (2008) chega a abordar a questão de classe nos contextos *bareback*: a própria grafia em inglês e a necessidade de acesso constante à internet, para maior familiarização com o repertório simbólico neles vigentes, exigem, do interessado, um determinado nível socioeconômico.

A facilidade ou dificuldade de acesso à PrEP parece influir, também, na decisão de aderir ou não ao *bareback*³ e vários fatores concorrem para esta questão, desde a (im)possibilidade de dispor de uma manhã e/ou tarde inteira para buscar os medicamentos no posto⁴, até o contexto pessoal e profissional implicado

3 Não é o objetivo, aqui, sugerir que a adesão à PrEP culmina, obrigatoriamente, na abdicação da camisinha. O Ministério da Saúde recomenda a “prevenção combinada” (BRASIL, 2021), a associação da PrEP ao uso do preservativo. Mas é inegável que, em alguns casos, o uso da PrEP pode tornar a pessoa mais flexível quanto à adoção da camisinha na penetração.

4 O procedimento para pegar os comprimidos envolve, por exemplo, a realização de teste sanguíneo para averiguar a existência de HIV e outras ISTs, além da conversa com profissional de medicina e/ou de psicologia, o que exige, dos participantes, disponibilidade de tempo em dias de semana. Em 2020, a PrEP começou a ser vendida nas farmácias brasileiras, desde que a pessoa apresente receita médica no ato da compra. O preço, porém, não é nada acessível, em torno de R\$ 150 o frasco com 30 comprimidos.

na obrigatoriedade de, posteriormente, apresentar o atestado de comparecimento à unidade de saúde. A situação exige da pessoa uma publicização, mínima que seja, da orientação sexual nos círculos onde transita, o que não parece ser o caso de alguns adeptos do *bareback* – a máxima homofóbica ‘macho, discreto e fora do meio’ vigora também nesses universos.

O custo do ingresso nas festas de orgia *bareback* é outro detalhe a garantir um recorte de classe. O preço fica em torno de R\$ 40 por evento, se considerarmos os valores dos ingressos impressos nos cartazes de divulgação da Cabbaré e da Surubada dos Leiteiros, orgias onde a prática do *bareback* é autorizada⁵. As festas são realizadas, periodicamente, no Rio de Janeiro (RJ) e em São Paulo (SP), abertas ao público masculino pagante (Figura 1).



Figura 1 – Algumas das peças de divulgação das orgias Cabbaré e Surubada dos Leiteiros, realizadas nas cidades do Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP)

Fonte: imagens retiradas do Twitter (2019, 2020, 2021).

Tais peças de divulgação da Cabbaré e da Surubada dos Leiteiros constituem a empiria deste artigo, cujo objetivo é analisar a construção simbólica acerca do *outro* nas narrativas sobre o *barebacking sex*. Com o intuito de analisar a produção daquilo que bell hooks (2019, p. 65) chama de “outridade” (*otherness*), partiremos das imagens e dos corpos construídos nesses cartazes.

bell hooks (2019) fala em outridade no artigo intitulado ‘Comendo o Outro: desejo e resistência’, no qual a tradutora da obra para o português do Brasil, Stephanie Borges, esclarece que o termo se refere a “um ‘outro’ que não é psicanalítico nem etnográfico (ao qual poderíamos nos referir falando em ‘alteridade’), mas de uma pessoa às vezes próxima, da nossa convivência, ‘cujas diferenças que a constituem em termos

⁵ Essa autorização não está explícita na divulgação das orgias nas redes sociais. A Cabbaré, por exemplo, se apresenta no Twitter como “ambiente pró-escolha”. Nos dois casos, a sugestão do *barebacking sex* é sutil e fica por conta de alusões ao ‘leite’ (sêmen) e, no caso da Cabbaré, à insinuação da prática na grafia do título do evento (bare, bb). Observações anteriores in loco e de grupos das orgias no Whatsapp reafirmaram o *barebacking sex* como parte da dinâmica desses eventos.

de raça/gênero são tratadas como algo exótico” (HOOKS, 2019, p. 66, grifo nosso). Outridade, portanto, faz menção a um sujeito corporificado: constituído por carne, osso, gênero, raça e classe.

Assim como os estudos feministas e *queer* vêm discutindo o caráter construído do gênero ao desvinculá-lo do sexo, os estudos decoloniais colocaram em xeque a ideia biológica de raça, ao abordá-la como uma invenção do par modernidade/colonialidade e como resultado direto da catástrofe metafísica/experiência cataclísmica que a invasão pelos europeus, no século XVI, do que, mais tarde, viria a ser a América representou para os indígenas locais (RIVERA CUSICANQUI, 2010; QUIJANO, 2009; MALDONADO-TORRES, 2018).

As divisões bastante radicais entre seres humanos já existiam no Ocidente, tais como as diferenças entre cristãos e não cristãos, homens e mulheres, sujeitos saudáveis e leprosos, entre outras distinções. Entretanto, as divisões tenderam a ser delimitadas e contidas pela ideia monoteísta de um Deus que criou todos e de uma Cadeia dos Seres que ligava a criação inteira entre o si e o divino. A “descoberta” não só colocou em questão o caráter englobante da Escritura e dos Antigos – nenhum dos quais parece ter dito algo sobre a existência de tais terras –, como também erodiu o entendimento do universo em termos de uma Cadeia dos Seres tendo Deus como sua cabeça. A “descoberta” agora apareceu como um agente histórico com o direito e dever de nomear o mundo, classificá-lo e usá-lo para o seu próprio bem-estar [...]. (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 42-43).

A modernidade funda, portanto, categorias identitárias sociais, como índios, negros, brancos, amarelos e mestiços, e se encarrega de traçar o novo mapa-múndi, no qual a Europa figura como centro econômico e, também, simbólico (QUIJANO, 2009; MALDONADO-TORRES, 2018).

Enquanto Nelson Maldonado-Torres (2018) sugere a ‘descoberta’ como uma catástrofe metafísica do ponto de vista dos europeus, que se viram obrigados a re-narrar e a redesenhar o mundo após a chegada ao “novo mundo” (p. 41), classificando a humanidade em inferiores e superiores, Silvia Rivera Cusicanqui (2010) fala da invasão europeia como uma experiência cataclísmica do ponto de vista dos indígenas. Aqui, tomamos as duas abordagens como complementares, considerando-as como processos intrinsecamente relacionados ao advento da colonialidade e embriões do racismo estrutural brasileiro, que atravessa a construção dos negros nas imagens ora analisadas.

Também nesse contexto da ‘descoberta’ surgem a América, África, Extremo Oriente, Ásia e o Ocidente, por exemplo, e as relações intersubjetivas correspondentes começam a se delinear sob hegemonia eurocentrada, fundindo as experiências do colonialismo e da colonialidade com as necessidades do capitalismo” (QUIJANO, 2009, p. 74).

Nesse processo, a modernidade se funda como narrativa e converte a experiência eurocentrada branca, masculina, cristã e supostamente heterossexual em padrão mundial de comportamento e estilo de vida. A Europa passa a dispor, então, da justificativa ideal para os saques, genocídios, torturas e estupros cometidos mundo afora, em nome de um progresso que converte o ser humano – o ‘outro’ – em mero instrumento para alcançá-lo (MUDROVIC, 2015).

Mais duradoura que o colonialismo, período de formação dos territórios coloniais, a colonialidade corresponde à ordem mundial que normaliza a violência, física e simbólica, para bem além das fronteiras entre colônias e ex-colônias, seja no tempo ou no espaço: um paradigma de guerra (MALDONADO-TORRES, 2018). E, no âmbito dessa moderna teoria de classificação social (QUIJANO, 2009), foi delineada não apenas a noção de raça, mas, também, a de desejo. Inclusive sexual (QUIJANO, 2009; MALDONADO-TORRES, 2018).

Na análise, recorreremos, particularmente, aos escritos de bell hooks (2019, p. 66) sobre “comodificação da outridade”. Em abordagem semelhante, Stuart Hall (2011) fala em uma mercantilização da diferença vigente na contemporaneidade em que o global – leia-se a branquitude eurocentrada – explora a diferenciação local em uma fantasia ocidental sobre a alteridade, uma “fantasia colonial” (p. 80).

Alguns cartazes de divulgação das festas Cabbaré e Surubada dos Leiteiros (para não dizer a grande maioria) são bem representativos do processo de narrar o ‘outro’ enquanto produto, *commodity*, mercadoria exótica. E o ‘outro’, em tais imagens, é quase sempre negro, conforme explicita a Figura 1, anteriormente apresentada. Mas não qualquer negro.

COR, GÊNERO E CLASSE SOCIAL DO BAREBACKING SEX

Mesmo em uma rápida observação dos quatro cartazes dispostos na Figura 1, é possível identificar o predomínio de negros dentre os homens apresentados como ‘atração’ do *show* interativo dessas orgias. Tal interação é relativa à contratação de atores, por parte da organização dos eventos, para satisfazer sexualmente o público pagante das festas, com relações que podem ou não envolver penetração.

Além da presença maciça de negros, outro detalhe chama a atenção quando acionamos, como filtro dos nossos processos de olhar (HOOKS, 2019), a questão racial: a disposição do homem branco como passivo, em meio à roda formada por cinco homens presumidamente ativos, dos quais quatro são negros (Figura 2).



Figura 2 – Arte para divulgação da festa Cabbaré realizada em maio de 2019 em São Paulo (SP)
Fonte: imagem retirada do Twitter (2019).

A penetração, em si, é como que censurada na Figura 2 pela fartura de leite aí sugerida em alusão ao sêmen, resultando no paradoxo de potencializar a sugestão do ato escamoteado, o sexo sem borracha. A presença abundante de leite na imagem não é à toa. Nesses contextos, a ‘quantidade’ e a ‘qualidade’ do sêmen expelido (“farto e grosso”) pelo sujeito são diretamente proporcionais ao *status* de ‘macho’ do qual ele usufrui diante dos pares. Barreto (2016) e Silva (2008) chegaram à constatação semelhante.

[...] o sêmen ou esperma aparece também como signo importante da masculinidade. Como sugerem alguns relatos, existe uma sensação de que a própria *macheza* é intensificada pela quantidade (e qualidade) da *gozada* de outro *macho*. No barebacking, portanto, através da valorização do esperma (circulação e troca), existe um sentido de intercâmbio (e compartilhamento) da masculinidade, o que faz intensificar o prazer, principalmente por ser altamente transgressivo, quando homens (*machos*) sentem-se intimamente ligados, buscando dar e receber (excessivamente) o esperma. (SILVA, 2008, p. 113).

Essa citação e a imagem da Figura 2, apresentada acima, são bastante didáticas quanto à simbologia ritualística atribuída ao sêmen no *bareback*. Além disso, a sugestão do homem negro como ativo e do homem branco como passivo não surge apenas na Figura 2, muito pelo contrário: é recorrente em quase todos os cartazes que vimos analisando durante a pesquisa.

A grande maioria dos anúncios das orgias mostra homens, sobretudo negros, simulando a posição de ativos e exibindo pênis sempre com dimensões descomunais; bundas (explícitas ou insinuadas) são raras nessas peças de divulgação, mas, nas poucas vezes em que surgem, pertencem a corpos brancos. Homens brancos, portanto, têm liberdade de trânsito entre as posições de ativo e de passivo nas imagens do *barebacking sex* ora analisadas (Figura 3).



Figura 3 – Cartazes de 2019 da Cabbaré exibem brancos como ativos e passivos
Fonte: imagem retirada do Twitter (2019).

O mesmo não pode ser dito dos corpos negros, aprisionados por essas imagens na posição de ativos. Ademais, a análise de cartazes semelhantes produzidos pela Cabbaré e pela Surubada dos Leiteiros nos anos de 2019, 2020 e 2021 revela que nem todos os homens negros estão aptos a ocupar as posições de ativo/’fornecedor de porra’/’macho leiteiro’/’macho reprodutor’. Tais posições cabem apenas aos negros jovens e considerados ‘bem dotados’, ou seja, com pênis de grandes proporções, quase animais. Nesse contexto, as peças de divulgação das orgias comparam os homens a cavalos. Literalmente (Figura 4).



Figura 4 – Cartazes de 2020 da Surubada dos Leiteiros anunciam os atores negros como “homens cavalos”
Fonte: imagens retiradas do Twitter (2019).

Da sugestão dos negros como ‘homens cavalos’ emana, também, a insinuação de uma experiência zoofílica, reforçada pela própria contextualização do termo *bareback*. Usado na caracterização do ato de cavalgar sem sela, *bareback* surge no âmbito do hipismo, esporte no qual a pessoa doma e controla o cavalo para obter êxito, dinâmica simbólica subvertida no *barebacking sex*: apesar de o animal cavalo ser montado, é o negro (o cavalo) quem deve dominar e conduzir a interação sexual (montar sobre o branco), em uma suspensão momentânea das relações raciais de poder ditadas pela modernidade/colonialidade.

Afinal, na fantasia da outridade, “o anseio pelo prazer é projetado como uma força que pode subverter e romper com o desejo de dominar. Age duplamente como mediador e desafio.” (HOOKS, 2019, p. 75). O negro é, então, reduzido a uma aventura, um ser sem tempo, nem espaço, tampouco história, mas capaz de proporcionar um prazer fora do comum:

O importante é ser transformado por essa convergência de prazer e Outridade. O sujeito ousa – age – na presunção de que a exploração do mundo da diferença, no corpo do Outro, fornecerá um prazer maior, mais intenso, do que qualquer prazer que exista no mundo ordinário de seu grupo racial familiar. E mesmo que a convicção seja de que o mundo familiar permanecerá intacto ainda que o indivíduo se aventure fora dele, a esperança é de que não serão mais os mesmos ao regressar a esse mundo. (HOOKS, 2019, p. 71).

Encarado como mera transgressão, o negro também representa, para o sujeito que almeja ultrapassar a fronteira racial, um gesto tanto de desobediência quanto de negação da responsabilidade e da conexão histórica (HOOKS, 2019). Um fetiche, um mero evento de ‘putaria’, no sentido de economia ou gestão do prazer e de modo de engajamento nas festas de orgia masculinas, elemento organizador das práticas sexuais nesses espaços, capaz de suspender momentaneamente valores morais cotidianos e hierarquias previamente estabelecidas entre corpos desejáveis e indesejáveis (BARRETO, 2016).

Ao etnografar surubas masculinas realizadas no Rio de Janeiro (RJ), festas não dedicadas ao *barebacking sex* mas nas quais testemunhou algumas interações sexuais sem o uso do preservativo externo, Barreto (2016) constatou que a putaria norteadora desses eventos funciona como princípio ‘disruptor’ ao favorecer a flexibilização de fronteiras entre o corpo desejável e o não desejável, com base em marcadores como raça, classe e gênero.

Assim, o negro não desejável no cotidiano se torna atraente na putaria da experiência orgiástica, de suspensão da cotidianidade. A expectativa eurocentrada em torno desse contato e interação sexual com o ‘outro’ gira, sempre, às voltas do “negro do pau grande, o negro viril, o negro que vai dar prazer, que pode vir aqui de madrugada, na minha casa, sem meus vizinhos verem, que eu posso levar para um motel... Mas não é esse negro que eu vou levar pro almoço de domingo”, conforme o depoimento do mineiro Vicente Belmiro no documentário *Além de PRETO, VIADO* (2020).

A comparação do negro ao cavalo reflete a condição desumana atribuída pelo par modernidade/colonialidade ao ‘outro’ e a catástrofe metafísica em que a experiência da *descoberta* lançou a subjetividade eurocentrada (MALDONADO-TORRES, 2018). Do cavalo para o macaco, o ser mais primitivo na hierarquia da evolução darwiniana do século XIX, basta um salto: o depoimento de Vagner Silva, no documentário *Além de PRETO, VIADO*, sobre o marcante e doloroso episódio em que foi chamado de macaco na escola é bem representativo nesse sentido.

Além de aprisionar os negros na condição de ativos e fornecedores de porra, subtraindo-lhes a possibilidade do gozo na posição de passivos, os cartazes das orgias Cabbaré e Surubada dos Leiteiros reiteram fantasias coloniais acerca da masculinidade negra que são historicamente opressivas para mulheres negras e homossexuais negros (HOOKS, 2019; HALL, 2013; LUGONES, 2014). Resta, assim, uma representação rasa e unidimensional, que apaga as realidades de homens negros com diferentes entendimentos acerca de masculinidades (HOOKS, 2019).

Logo, essas imagens e os corpos nelas construídos são constituídos e atravessados pela simbologia de um imaginário racista, a fixar os homens negros em posição de virilidade exacerbada, alvo de admiração, desejo, inveja, medo (MBEMBE, 2014), sintetizada na comparação dos atores a cavalos – quando não a macacos.

bell hooks (2019) destaca ainda que, no processo de transformação do *outro* em *commodity*, o indivíduo anseia o contato e, simultaneamente, deseja a manutenção das fronteiras – o diferente, ao fim e ao cabo,

não faz diferença alguma (HALL, 2013). Além de serem apresentados como cavalos, os atores negros são anunciados na divulgação das orgias *bareback* como putos favelados, motoboys, peões de obra e militares. Nessas festas, os atores contratados para os *shows* interativos encarnam tais personagens, com direito a figurino especial (Figura 5).



Figura 5 – Cartazes da Surubada dos Leiteiros que focam no recorte de classe
Fonte: imagens retiradas do Twitter (2019).

Há, aí, um reflexo do par modernidade/colonialidade como paradigma de guerra (MALDONADO-TORRES, 2018). A violência simbólica em questão não só aprisiona os homens negros, mas naturaliza o machismo, a homofobia e também a desigualdade social, esvaziando politicamente esses processos ao des-historicizá-los (HOOKS, 2019; HALL, 2013): “O momento essencializante é fraco porque naturaliza e des-historiciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético” (HALL, 2013, p. 383).

A perspectiva decolonial, por sua vez, possibilita situar temporal e espacialmente as imagens, que desde os tempos pré-coloniais oferecem interpretações das narrativas sociais com perspectivas de compreensão crítica da realidade, obliteradas quando de uma leitura colonizada encarnada na experiência eurocentrada da escrita (RIVERA CUSICANQUI, 2010). O corpo também é imagem, e facilmente perdemos isso de vista.

A cor, no âmbito das modernas narrativas raciais eurocentradas, funciona como índice não só de superioridade e inferioridade, mas, também, de classe social. Se dimensões penianas e “quantidade” de porra atuam como índices de masculinidade (SILVA, 2008; BARRETO, 2016), “qualidades” das quais os negros usufruiriam por excelência, a cor da pele corresponderia, ‘naturalmente’, à base da pirâmide social.

Assim, quanto mais escura a pele, mais na base da pirâmide a pessoa se encontraria. Logo, a modernidade/colonialidade se encarrega de apresentar uma questão social como biológica/natural. As narrativas de meritocracia, que ganharam força no Brasil desde a campanha de Jair Bolsonaro à presidência da república, encontram, aí, um terreno fértil de proliferação.

Não à toa, na imagem à direita da Figura 6, um homem negro exhibe arma de grande porte, semelhante a um fuzil, a simular e potencializar a sugestão de pênis descomunal e animalesco em disposição simbólica que propõe o negro como máquina sexual. O fuzil, na imagem extraída do Twitter da Surubada dos Leiteiros, representa o superlativo do repertório bélico simbólico vigente nos aplicativos homoeróticos de pegação, por exemplo, onde o pênis é chamado de *pistola*, o bem dotado de ‘pistoludo’ e a penetração de ‘pistolada’.



Figura 6 – Imagens extraídas de postagens do Twitter anunciando a realização das orgias Surubada dos Leiteiros com as temáticas “Homens Cavalos” (esquerda) e “Festa na Barú: leite na boca, leite no...” (direita). O ator desta última é descrito como “ex-militar” que “bota pra chupar”
Fonte: imagens retiradas do Twitter (2019).

O fuzil simboliza, também, uma masculinidade opressora e violenta – dentro de um paradigma de guerra acostumado a reduzir, por metonímia, o negro ao pênis – e a adesão de homens negros ao patriarcado e ao falocentrismo, como forma de compensar a emasculação da própria existência pela modernidade eurocentrada (HOOKS, 2019; HALL, 2013; MALDONADO-TORRES, 2018; LUGONES, 2014). O fuzil, aí, alimentaria a alma, na mesma medida em que o feijão, alçado à condição de supérfluo no Brasil pelo chefe do executivo federal (BOLSONARO..., 2021), alimentaria o corpo.

Nesse ponto, nos permitimos ainda lembrar de música gravada por As Frenéticas, O preto que satisfaz (feijão maravilha) (1978), cuja letra, de autoria de Gonzaguinha, bem ao estilo debochado e de duplo sentido que caracterizou o grupo musical, apresenta os seguintes trechos:

[...] Dez entre dez brasileiros preferem feijão
Esse sabor bem Brasil, verdadeiro fator de união da família
Esse sabor de aventura, famoso pretão maravilha
Faz mais feliz a mamãe, o papai, o filhinho e a filha
Dez entre dez brasileiros elegem feijão
Puro, com pão, com arroz, com farinha ou com macarrão
E nessas horas esquecem dos seus preconceitos
Gritam que esse crioulo é um velho amigo do peito
Feijão tem gosto de festa
É melhor e mal não faz
Ontem, hoje, sempre
Feijão, feijão, feijão
O preto que satisfaz [...]

Convocar o feijão já no título do artigo não constitui, assim, mero jogo de palavras, mas a intenção de indicar os modos dúbios, equívocos, dissimulados, como o racismo à brasileira opera. É possível momentaneamente se esquecer dos preconceitos, para melhor tirar proveito do “pretão maravilha”, do “crioulo amigo do peito”, como escreveu Gonzaguinha.

Na infeliz e sincera fala presidencial, trocar o feijão pelo fuzil sintetiza o misto de racismo e de violência característico da fase apocalíptica do capitalismo, na expressão cunhada por Rita Segato (2016, 2018)

para expressar os horrores que os mandatos de masculinidade impõem em suas guerras permanentes, nas quais os fuzis, literalmente como armas de fogo, ou metaforicamente simbolizando o falo, estão sempre a postos para a violação de corpos de mulheres ou corpos feminizados. Retirado da sua expressão histórica de violência típica dos mandatos de masculinidade, o fuzil se transforma no símbolo fálico masculino do desejo sexual por sua potência perfurante e capacidade de ejacular farta e velozmente.

Longe, por conseguinte, de constituírem construções simbólicas ingênuas, as imagens das orgias *barebacking* Cabbaré e Surubada dos Leiteiros são atravessadas por racismo, classismo, misoginia e homofobia. Aprisionam negros na posição de animais e de máquinas sexuais e reverberam identidades tão opressoras quanto oprimidas. Ecoa nelas a “tradição pornô-trópica” (p. 46) de que fala Maldonado-Torres (2018) e que encurrala, simbolicamente, os negros nos limites do bestial, como seres indomáveis.

Não raro esse assassinato simbólico culmina na morte física. Basta lembrarmos o assassinato de João Alberto Silveira Freitas, homem negro de 40 anos, por seguranças do supermercado Carrefour, em Porto Alegre (RS). E o caso de George Floyd, nos Estados Unidos, afro-americano de 46 anos, torturado e morto por um policial branco, mesmo imobilizado e repetindo, sofregamente, “não consigo respirar”.

A 'PORRA' É PARA TODOS?

Durante a etnografia das orgias masculinas no Rio de Janeiro (RJ), Barreto (2016) ouviu de um cientista social negro, frequentador das festas, relato sobre o “fardo do bem dotado”:

Essa coisa do fardo do bem dotado é verdade, principalmente quando eu quero ser passivo com alguém, porque ‘automaticamente eu sou tomado como ativo’. Ainda que o passivo dotado possa ser tomado como uma imagem fetichizada também... só que no meu caso ‘tem a coisa da cor que é agravante. Homem negro de pau grande só serve pra ser ativo’. (BARRETO, 2016, p. 91, grifo nosso)

A construção simbólica de homens negros nos cartazes das orgias *barebacking sex* ocorre em torno desse ‘fardo do bem dotado’, processo perverso de violência simbólica que os interdita enquanto sujeito de desejos e de necessidades ao instrumentalizá-los como ‘vetor de porra’. Aptos a fornecê-la na mesma medida em que são tolhidos de recebê-la, negros têm extirpadas, nas imagens do *bareback* aqui escrutinadas, a liberdade de gozar e também de narrar a si próprios.

Assim, a negritude enquanto ‘outridade’ é desumanizada e convertida em *commodity*, produto de atração de público pagante às festas Cabbaré e Surubada dos Leiteiros, em um contexto no qual, conforme bell hooks (2019), o investimento na masculinidade negra falocêntrica oferece retorno simbólico e financeiro a quem adere a tais formas reacionárias de pensar as questões de gênero. Por isso, representações da masculinidade negra na cultura popular se equiparam ao falocentrismo bruto, ao ódio pelas mulheres, a uma sexualidade combativa “estupradora” e a um explícito desprezo pelos direitos individuais (HOOKS, 2019; HALL, 2013).

Não são ingênuas as associações a cavalos, assim como não o é o fuzil associado ao negro na divulgação das orgias *bareback*. São símbolos de um violento processo de colonização dos corpos e dos desejos, impregnado da teoria histórica de classificação social inventada na modernidade/colonialidade com vistas a uma distribuição desigual do poder e da liberdade (QUIJANO, 2009). Simbologias como essas seguem causando a morte de mulheres, de negros homossexuais/bissexuais e também de negros heterossexuais.

Na análise da produção social do desejo na divulgação das orgias Cabbaré e Surubada dos Leiteiros, a partir de narrativas imagéticas que dispõem os corpos em desejáveis e indesejáveis, constatamos que o risco maior não é o da morte física, acarretada por doenças oportunistas causadas pela aids, mas, sim, o da morte simbólica, por conta de representações colonizadas que subtraem a dignidade humana. E, muitas vezes, custam a vida física dessas pessoas também. Portanto, se o moralismo pode levar à morte pelo abandono

de corpos considerados indignos de cuidados e atenção, resta a dimensão ética como aquela que pode reconhecer a ‘outridade’ em plenitude.

Descolonizar, então, implica um processo de (auto)consciência equivalente à identidade e à historicidade, a ser reconhecido e, na mesma medida, se reconhecer como sujeito ‘na’ história e ‘da’ história, atravessado por tempos e espaços. Por conseguinte, decolonizar possibilita o ‘ser narrado’ (e também o ‘se narrar’) digna, solidária e dialogicamente, sem brechas para a violência de um consumo canibal que “não apenas desloca o Outro, mas nega a importância do Outro através de um processo de descontextualização” (HOOKS, 2019, p. 81).

Descolonizar essas imagens do *barebacking sex*, pelo direito de ser, de gozar e de respirar livremente, é substituir o moralismo das visadas do risco epidemiológico pelo compromisso ético, quando racismo, classismo e quaisquer outras hierarquias inferiorizantes podem ser abolidas de vez.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Festas de orgias para homens**: territórios de intensidade e socialidade masculina. 2016. 348 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/30857879/Festas_de_Orgia_para_Homens_territ%C3%B3rios_de_intensidade_e_socialidade_masculina. Acesso em: 14 abr. 2022.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. Introdução – Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 9-30. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

BOLSONARO chama de idiota quem afirma que é preciso comprar feijão em vez de fuzil. **G1**, Rio de Janeiro, 27 ago. 2021. Jornal Nacional. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/08/27/bolsonaro-chama-de-idiota-quem-afirma-que-e-preciso-comprar-feijao-em-vez-de-fuzil.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Prevenção combinada**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, c2021. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/previna-se>. Acesso em: 14 abr. 2022.

CÔRTEZ, Celina. Pacto Moral. **IstoÉ**, São Paulo, n. 1719, p. 60-61, 11 set. 2002. Comportamento.

COUTINHO, Leonardo. A roleta-russa da AIDS. **Veja**, São Paulo, a. 35, n. 35, p.76-77, 4 out. 2002. Sexo.

DOCUMENTÁRIO “Além de PRETO, VIADO” (Versão completa). Direção: Lucas Porfírio. [S. l.; s. n.], 2020. 1 vídeo (25 min). Publicado pelo canal Além de PRETO, VIADO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BDgIGIUgF2g&t=178s>. Acesso em: 9 set. 2021.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. 2. ed. Organização: Liv Sovik; Tradução: Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-953, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 11 fev. 2021.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 31-61. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MUDROVICIC, María Inés. Crisis del Futuro: política y tiempo. **Ariadna histórica**: lenguajes, conceptos, metáforas, Logroño, n. 4, p. 99-115, 2015. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/56169>. Acesso em: 18 mar. 2022.

O PRETO que satisfaz (feijão maravilha). Compositor: Gonzaguinha. Intérprete: Frenéticas. *In*: CAIA na gandaia. Intérprete: As Frenéticas. [S. l.]: Atlantic Records, 1978. 1 disco vinil, lado B, faixa 1 (3:30 min).

PAULA, Paulo Sergio Rodrigues de. **Barebacking sex**: discursividades na mídia impressa brasileira e na internet. 209 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92662>. Acesso em: 01 mar. 2019.

PROGRAMA CONJUNTO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE HIV/AIDS (UNAIDS). **Indetectável = intransmissível**. Brasília, DF: Unids Brasil, 2018. Disponível em: <https://unids.org.br/2018/07/indetectavel-intransmissivel/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 73-117.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa**: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Educação e pesquisa de práticas sexuais de risco (*barebacking sex*). *In*: RIOS, Luís Felipe *et al.* **Homossexualidade**: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p. 69-83.

SCHECHNER, Richard. **Performance e antropologia de Richard Schechner**. Organização: Zeca Ligiéro. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

SEGATO, Rita Laura. **Contra-pedagogías de la crueldad**. Buenos Aires: Prometeo, 2018.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

SILVA, Luís Augusto Vasconcelos da. **Desejo à flor da tel@**: a relação entre risco e prazer nas práticas de *barebacking*. 2008. 197 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.